

**OFICINAS NO THEATRO MUNICIPAL: UMA PESQUISA DE
AUTOAPRENDIZAGEM DE DESENHO**

**WORKSHOPS AT THEATRO MUNICIPAL: A SELF-LEARNING RESEARCH IN
DRAWING**

**TALLERES EN EL TEATRO MUNICIPAL: UNA INVESTIGACIÓN EN
AUTOAPRENDIZAJE DE DIBUJO**

André Luis Ferreira Beltrão¹ 0000-0002-5174-1285

¹ Escola Superior de Propaganda e Marketing – Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil;
abeltrao@espm.br

Resumo:

O artigo apresenta uma pesquisa-ação em que se investiga uma metodologia de autoaprendizagem de desenho que objetiva a recuperação da confiança criativa, desenvolvida em Oficinas de Desenho no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Os participantes atuam de forma análoga aos Grupos Operativos de Pichón-Rivière, formados a partir de interesses comuns e baseados no trabalho colaborativo. A participação recorrente, a mobilização do grupo e sua decorrente aprendizagem de desenho são os objetos de estudo. São relatados o modo de operação do grupo, os ganhos da pesquisa em seus dois primeiros anos, considerações sobre os resultados alcançados, os próximos passos e desdobramentos da pesquisa.

Palavras-chave: desenho; aprendizagem; aprendizagem significativa.

Abstract:

The article presents an action research in which a self-learning drawing methodology is investigated that aims to recover creative confidence, developed in Drawing Workshops at the Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Participants act in a similar way to the Pichón-Rivière Operative Groups, formed based on common interests and based on collaborative work. Recurrent participation, group mobilization and resulting learning of drawing are the objects of study. The group's mode of operation, the research gains in its first two years of the action research, considerations on the results achieved, the next steps and plans for the next stages of the research are reported.

Keywords: drawing; learning; significant learning.

Resumen:

El artículo presenta una investigación-acción en la que se investiga una metodología de autoaprendizaje de dibujo que tiene como objetivo recuperar la confianza creativa, desarrollada en Talleres de Dibujo en el Theatro Municipal de Río de Janeiro. Los participantes actúan de forma similar a los Grupos Operativos Pichón-Rivière, formados en base a intereses comunes y a partir del trabajo colaborativo. La participación recurrente, la movilización grupal y el resultante aprendizaje del dibujo son los objetos de estudio. Se informa sobre el modo de funcionamiento del grupo, los avances de la investigación en sus dos primeros años, consideraciones sobre los resultados obtenidos, los próximos pasos y la evolución de la investigación.

Palabras clave: dibujo; aprendizaje; aprendizaje significativo.

Introdução

O Theatro Municipal, um dos principais teatros brasileiros, é uma instituição pública centenária administrada pelo estado do Rio de Janeiro e conhecido por suas apresentações de ballet, ópera e música clássica. Seu prédio é uma jóia arquitetônica imponente e repleta de detalhes. Porém, apesar de ser um equipamento cultural público, pela natureza da programação que apresenta e por suas instalações luxuosas, é ainda tido como um espaço de elite.

Essa imagem remonta à concepção do Theatro. Sua construção teve início durante a primeira grande intervenção urbanística do Rio de Janeiro, realizada pelo prefeito Pereira Passos (1902-1906) e foi inaugurado em 1909. A reforma realizada no centro do Rio só foi possível graças à remoção de diversas moradias populares e configurou-se como uma europeização da cidade. A Avenida Central construída era um espaço elegante, e o Theatro era o espaço de reunião da elite cultural da cidade.

A Reforma Urbana Pereira Passos foi uma tentativa de europeização e aburguesamento da cultura por meio de arquitetura, ideais e costumes. A Europa, especialmente as cidades de Paris e Londres, era tida como um modelo de civilização, progresso e modernidade a ser seguido. O progresso era sinal de desenvolvimento material; a civilização de comportamento pautado em um ideal burguês europeu; a modernidade no embelezamento e no saneamento relacionada a sair de um passado colonial e se adequar a um novo presente, certamente europeu. Dessa forma, as mudanças na capital tiveram um caráter urbanístico, sanitário e também comportamental, e a transformação da cidade se deu em um nível simbólico-espacial. Uma frase muito usual na época era “o Rio civiliza-se”, que demonstra todo esse imaginário (Silva, 2019).

Um dos grandes desafios da atual administração é o de modificar essa percepção, permitindo renovar seu público e isto significa popularizar o acesso, trazendo para os espetáculos pessoas de todas as classes sociais, bem como criar eventos que atraíam público mais jovem.

Diversos projetos têm sido implementados nesse sentido e um deles é o estabelecimento de parcerias e acordos de cooperação técnica com outras instituições. A partir de um desses acordos de cooperação, firmado com a ESPM-Rio, temos realizado oficinas mensais de Desenho no Theatro desde novembro de 2021.

Desde então¹, foram oferecidas 64 edições das Oficinas de Desenho, realizadas uma vez por mês, com duração de 2 horas. Em cada edição participam até 35 indivíduos: 10 vagas são reservadas para participantes ligados à ESPM (alunos ou professores da instituição) e 25 vagas

¹ Edições até julho de 2026, data de finalização deste texto. O artigo refere-se ao período compreendido entre novembro de 2021 e dezembro de 2023, no qual foram realizadas as primeiras 24 edições das Oficinas de Desenho.

são oferecidas pelo site de vendas do Theatro Municipal. O preço do ingresso é simbólico, R\$10,00 para profissionais e R\$5,00 para estudantes, estabelecido como forma de reduzir o absentismo.

Na pesquisa de doutorado Práticas pedagógicas no ensino de Design: experimentando abordagens significativas (Beltrão, 2021), um grupo de estudantes da ESPM que se reunia semanalmente no Estúdio Livre de Desenho² e que demonstrou ter características de funcionamento similares às dos Grupos Operativos de Pichón-Rivière (Bleger, 1998) foi a base de um projeto de pesquisa-ação por quatro semestres. Naquela pesquisa, percebeu-se que os participantes refletiam mais sobre seus resultados, compartilhavam descobertas e aprendiam em grupo, obtendo um incremento na aprendizagem de desenho superior ao que obtinham aqueles que frequentavam somente as aulas regulares. Os integrantes do Estúdio Livre de Desenho eram, porém, todos estudantes de graduação da mesma instituição, com faixa etária e perfil social similares, constituindo um grupo social bastante homogêneo.

As Oficinas de Desenho do Theatro Municipal foram concebidas como uma retomada daquela pesquisa, porém modificando a variável público, que é agora heterogêneo, com participantes de todas as classes sociais, gêneros, idades e ocupações, que em sua maioria nunca tinha ido ao Municipal.

Como as artes têm o potencial de engajar as pessoas de modo significativo (Ribeiro, 2024), a pesquisa-ação desenvolvida nas Oficinas de Desenho buscou recriar as condições que favoreceram a formação de um grupo de características análogas às dos Grupos Operativos para avaliar se é possível assim atingir condições de autoaprendizagem de desenho também em públicos totalmente heterogêneos, o que poderia levar ao desenvolvimento de uma nova metodologia de ensino. É uma pesquisa ainda em andamento e este artigo trata de seus quatro primeiros semestres, de dezembro de 2021 a dezembro de 2023.

Desse modo, a participação recorrente dos indivíduos e a mobilização do grupo que formaram é o objeto de estudo da pesquisa. O objetivo principal é desenvolver uma metodologia de autoaprendizagem de desenho baseada na autorrealização, a partir da consolidação de um grupo que trabalha de modo análogo aos Grupos Operativos de Pichón-Rivière.

São objetivos específicos a consolidação de um grupo cujas dinâmicas internas sejam análogas às dos Grupos Operativos, estabelecer um conjunto de atividades periódicas que permitam o desenvolvimento do grupo, identificar demandas emergentes do grupo e facilitar

² O Estudio Livre de Desenho é uma atividade extracurricular que conduziu às sextas feiras, funcionando como um atelier livre de desenho, para os estudantes da ESPM.

sua concretização, observar o grupo e coletar depoimentos dos participantes, analisar os ganhos e sintetizar aperfeiçoamentos em ciclos semestrais de pesquisa-ação.

Como questões direcionadoras temos:

É possível que pessoas que não se conheçam, e, mesmo sendo de áreas de trabalho, idades e classes sociais diferentes, formem um grupo unido por interesses comuns, no caso a aprendizagem de desenho?

Ao facilitar no grupo a operação de forma análoga à dos grupos operativos, ocorrerá autoaprendizagem a partir do trabalho colaborativo?

A aprendizagem resultante do envolvimento dos indivíduos com o grupo contribuirá para a recuperação de sua confiança criativa, trazendo a percepção de que se tornaram indivíduos mais criativos para a vida?

A partir dos objetivos de pesquisa e das questões direcionadoras, construiu-se a hipótese de que quaisquer indivíduos, reunidos por interesses comuns de aprendizagem podem constituir um grupo de características análogas às dos Grupos Operativos e dessa forma aprender colaborativamente, com isso recuperando sua confiança criativa, que beneficia outras áreas de suas vidas.

Assim, enquanto ao longo da pesquisa a metodologia se constrói, a partir da hipótese buscam-se indícios de que as Oficinas de Desenho no Theatro Municipal atuam como um potencializador para os resultados individualmente alcançados, atuando no resgate da confiança criativa dos participantes a partir de sua autorrealização (Kelley, 2019; Sennett, 2019), que é uma das seis categorias da taxonomia de FINK³ onde ocorre a aprendizagem significativa (Fink, 2007). A observação e análise dessas evidências podem contribuir para a multiplicação de iniciativas semelhantes, ocupando novos espaços culturais, melhorando a autoestima do público afetado e contribuindo para a economia criativa das cidades.

Referencial teórico

O projeto das Oficinas de Desenho é uma pesquisa-ação em que um grupo de participantes recorrentes, composto por indivíduos que não se conheciam até então, assumindo características de funcionamento similares às dos Grupos Operativos de Pichón-Rivière, trabalham colaborativamente em atividades relacionadas às Oficinas. Através dessa

³ As seis categorias da aprendizagem significativa de Fink (2007) são: aprender a aprender, conceitos-chave, autorrealização, importar-se, integração, dimensão humana (tradução do autor)

participação recorrente, os integrantes do grupo aprendem significativamente (pois escolheram voluntariamente participar, gostam de desenhar e percebem significado na prática do desenho), superando seus medos (graças às relações de confiança internas ao grupo) e gradativamente vão recuperando sua confiança criativa (Kelley, 2019).

Segundo Schlochauer, “aprender é uma função biológica responsável por permitir que seres vivos se adaptem à complexidade do ambiente” (2021, p. 64), ou seja, o aprendizado acontece quando o ser humano vive uma experiência que causa nele uma mudança. O autor complementa, afirmando que aprendizagem é transferível para outras situações e é consequência direta da prática realizada (Schlochauer, 2021, p. 67).

Segundo Chagas (2021), em um processo andragógico, centrado na educação de adultos, as práticas de aprendizagem são focadas no experimento e no “aprender fazendo”. No processo de aprendizagem andragógico, um dos princípios essenciais, segundo Schlochauer (2021), é a motivação intrínseca. A motivação para aprender deve vir de si mesmo e não de fontes externas para garantir continuidade no processo de aprendizagem de adultos.

“Desde o nascimento, humanos em estado saudável são criaturas ativas, inquisitivas e que demonstram prontidão para aprender e explorar. Essas características não estão restritas à infância; trata-se de um traço da natureza humana que afeta o desempenho, a persistência e o bem-estar durante toda a vida” (Schlochauer, 2021, p. 91).

Portanto, a aprendizagem autodirigida é um caminho significativo de aprendizagem com efeitos que podem se expandir para outras áreas da vida.

Os Grupos Operativos de Aprendizagem são grupos de trabalho compostos por estudantes com interesses comuns, baseados na troca de conhecimentos e na aprendizagem coletiva resultante dessa partilha (Pichón-Rivière, 1986). Os desafios, ganhos e conflitos são considerados pelo grupo à medida que vão aparecendo e todos podem ensinar e aprender, essas posições se alternam livremente (Bleger, 1998). Nesses grupos, o professor assume um papel de coordenador, ou mediador, devendo interferir na menor medida possível nos caminhos de aprendizagem do grupo, nunca impondo tarefas ou aulas no modelo tradicional. Os Grupos Operativos podem organizar e desorganizar, crescer ou diminuir, e a heterogeneidade e a liberdade fazem parte da sua estrutura.

O coordenador do grupo deve procurar facilitar o diálogo e motivar as ações, respeitando a produtividade do grupo, sem buscar centralizar as informações e decisões (Pichón-Rivière, 1986). Os grupos operativos têm por objetivo o enriquecimento pessoal e interpessoal de seus participantes.

Segundo Bleger (1998), nos Grupos Operativos podem se formar subgrupos segundo interesses momentâneos, e em momentos posteriores se reorganizarem de acordo com novos interesses que surjam, facilitando ao grupo o aprendizado de algo. Os participantes das Oficinas de Desenho são livres para escolherem o que é mais significativo para eles. Essa liberdade é essencial, e é importante respeitar o que é decidido ou demandado pelo grupo, pois “um princípio técnico básico, (...) a "regra de ouro" da técnica dos grupos operativos, é respeitar o emergente do grupo, ou seja, trabalhar com a informação que o grupo atualiza a cada momento e que corresponde ao que momentaneamente pode admitir e elaborar.” (Bleger, 1998, p.83).

Por exemplo, se em uma sessão com modelo posando alguns participantes preferirem desenhar ornamentos do teto e estudar perspectiva, enquanto os demais desenham a modelo, precisam se sentir livres para fazê-lo. Desse modo a ansiedade no aprendizado pode se manter equilibrada, pois um nível baixo de ansiedade poderia indicar a ausência de desafios e um nível alto demais indicaria desafios elevados, ambas situações constituiriam bloqueios ao funcionamento do grupo.

A teoria dos Grupos Operativos de Pichón-Rivière (1986) menciona a espiral da ansiedade, ou do conhecimento, ao considerar que para cada tarefa realizada há uma pré-tarefa a ser superada, relacionada a medos e ansiedades (Bleger, 1998). Ao superar a pré-tarefa, a pessoa se engaja na tarefa e o aprendizado acontece. É interessante notar que a teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1963) também trata de uma espiral de aprendizagem, em que a evolução ocorre quando algo que foi ensinado tem significado para o estudante, conectando-se às suas estruturas cognitivas para produzir um novo conhecimento que o torna predisposto a aprender mais. Relacionando as duas teorias a partir das espirais de conhecimento / aprendizagem, podemos inferir que a aprendizagem significativa é uma pré-tarefa de superação de medos e ansiedades.

Quando pensamos em medos e ansiedades relacionados ao desenho, evocamos a autocritica de que falam Land e Jarman (1990) em sua pesquisa⁴ sobre a perda da confiança criativa, decorrente dos julgamentos que vamos fazendo ao longo da vida sobre a qualidade do que produzimos. Tais julgamentos estão presentes em casa, na escola e em todas as relações sociais dos jovens. A esse respeito, Menezes e Colares (2023) apontam que uma alfabetização nas Artes seria essencial para professores e familiares. Land e Jarman (1990) acompanharam um grupo de 1600 crianças dos 5 aos 20 anos de idade e, enquanto as crianças cresciam, foram

⁴ Pesquisa realizada por George Land e Beth Jarman com 1600 crianças norte-americanas aos 5 anos de idade, replicado 5 e 10 anos depois, quando estavam, respectivamente, com 10 e 15 anos de idade, e a um grupo aleatório de adultos com mais de 25 anos de idade (Land e Jarman, 1990, p.145)

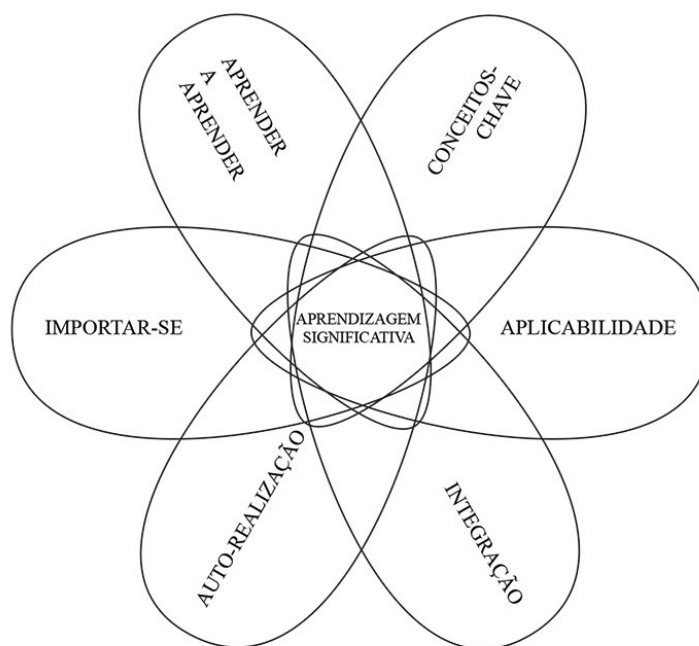
realizando testes de criatividade pelos quais identificaram que, aos 5 anos de idade, 98% do grupo era altamente criativo e esse percentual foi caindo, até que aos 25 anos somente 2% poderiam ser considerados altamente criativos. Concluíram que essa redução se deu por bloqueios emocionais resultantes de julgamentos sociais. Quando nos expomos, nos tornamos vulneráveis a críticas. Instintivamente, buscamos ser aceitos e não criticados, então tendemos a um espaço de neutralidade e empurramos boa parte de nosso potencial criativo para baixo do tapete.

A questão é que não bloqueamos somente a criatividade artística, mas o jeito criativo de ser, e essa falta de confiança criativa tem reflexos em tudo: bloqueamos ideias, bloqueamos a forma de nos expressarmos, bloqueamos a audácia, bloqueamos algo da alegria de viver.

Kelley (2019) refere-se a esse bloqueio emocional como um freio de mão acionado. Todos temos a criatividade represada, nascemos altamente criativos, mas temos medo. Se buscarmos superar nossos medos e aos poucos nos permitirmos criar, recuperaremos gradualmente a confiança criativa. Ao destravarmos o freio de mão, Kelley defende que não há o que nos segure, é preciso somente iniciarmos o processo.

A superação dos medos é um processo gradual que traz autorrealização, ampliando a confiança criativa, aquele estado em que nos permitimos criar, mostrar, errar, aprender com o erro - essa liberdade de ação e pensamento transborda para as demais áreas da vida - é preciso ser criativo para administrar, construir, calcular, dirigir, criar os filhos, se relacionar, empreender e mesmo para se reinventar profissionalmente.

Ao considerarmos o potencial de aprendizagem advinda do compartilhamento dos grupos operativos, vemos que são potencializadores do processo de aprendizagem significativa por criarem nas Oficinas de Desenho um ambiente de confiança em que a sensação de vulnerabilidade se reduz, tornando mais fácil a percepção de superação dos limites e, com isso, trazendo autoconfiança. Retomando a espiral da aprendizagem (Bleger, 1998; Ausubel, 1963) e a metáfora do freio de mão de Kelley (2019), a autoconfiança age como um acelerador para o processo, contribuindo para reduzir os bloqueios emocionais dos participantes (Land e Jarman, 1990).

Figura 1: Taxonomia da Aprendizagem Significativa de Fink (2007)

Fonte: adaptação do autor

Fink (2007), em sua Taxonomia da Aprendizagem Significativa (vide Figura 1), propõe uma taxonomia não hierárquica com seis categorias de aprendizagem para serem utilizadas na definição de objetivos pedagógicos, pensando em como criar as condições adequadas para atender à motivação intrínseca a que Dewey (1980) havia se referido. As categorias propostas por Fink (2007) são conceitos-chave, aplicabilidade, integração, dimensão humana (autorrealização), cuidar (importar-se) e aprender a aprender. É fácil perceber que as Oficinas de Desenho estão diretamente relacionadas com pelo menos duas delas: dimensão humana (autorrealização) e aprender a aprender.

A categoria dimensão humana refere-se aos estudantes descobrindo algo sobre si mesmos, implicações pessoais do que aprenderam, adquirindo uma nova percepção de quem são e do que podem alcançar, autorrealização. Esta categoria de aprendizagem também está relacionada a uma melhor compreensão de como os outros agem e da interação do estudante com os pares.

A categoria aprender a aprender está relacionada a quando, no processo de aprendizagem, os estudantes descobrem algo sobre como aprendem melhor, sobre como podem se tornar melhores alunos e que são capazes de aprender por conta própria. Desse modo, o estudante pode escolher em que se aprofundar e o professor atua como um tutor, facilitando os

meios e conexões para que os estudantes possam continuar seu desenvolvimento por conta própria.

A aprendizagem de desenho

É importante, finalmente, abordarmos a aprendizagem do desenho, que é o ponto focal das Oficinas e é a tarefa para a qual o grupo de mobiliza, como interesse comum.

Aprender a desenhar envolve essencialmente três dimensões humanas: a visão, que recorta da realidade aquilo que será representado; a mente, que processa o que foi percebido e cria uma mediação com a memória; a mão, que conduz o instrumento de desenho e dá materialidade ao processo (Pallasmaa, 2013). Nesse sentido, aprender a desenhar é ao mesmo tempo desenvolver a capacidade de ver, de perceber detalhes, de interpretar e expressar e é também um desenvolvimento de capacidades motoras.

É evidente que o ato de desenhar mescla a percepção, a memória e o senso individual da própria pessoa e da vida: um desenho sempre representa mais do que seu tema real. Todo desenho é um testemunho (Pallasmaa, 2013, p. 94)

Edwards (2013) discute a capacidade que o desenho tem de introduzir novos horizontes a quem o pratica. A autora aborda a insegurança que muitas pessoas sentem de tentar aprender a desenhar porque não se consideram capazes e acreditam que para isso é preciso um talento nato. Na verdade, segundo a autora, todos têm a capacidade de aprender a desenhar e nascem com as habilidades visuais para isso. Portanto, o processo de aprender a desenhar tem a ver com liberar essas habilidades e com o autoconhecimento (Edwards, 2013, p. 57).

A recorrência da participação nas Oficinas decorre da motivação intrínseca mencionada por Schlochauer (2021) como fator essencial para a autoaprendizagem, e do caráter significativo deste processo (Fink, 2007). Os encontros mensais do grupo permitem aos participantes desenharem os mesmos espaços físicos em diferentes ocasiões, aprimorando sua atenção para detalhes e refazendo desenhos de sessões anteriores, simplesmente por fazer de novo, a partir de um momento posterior de suas vidas e capacidades. Sennett (2019, p.51) fala de como a atenção ao desenhar um espaço faz com que ele fique impregnado na mente, permitindo um envolvimento profundo com o processo. Piano (apud Sennett, 2019, p.52), comenta que desenhar é, ao mesmo tempo, pensar e fazer: “fazer, refazer e fazer mais uma vez”.

Cabe dizer que o próprio espaço que ambienta as Oficinas tem papel importante como motivador do desejo de desenhar. Segundo Pallasmaa (2013) desenhar é uma experiência corporal e o próprio Theatro Municipal, como jóia arquitetônica repleta de detalhes e desafios,

constrói uma experiência corporificada do desenho, despertando a vontade de fazer cada vez melhor.

Como os Grupos Operativos não são adequados a avaliações quantitativas, tarefas e notas impostas, as Oficinas de Desenho conseguem oferecer aos participantes recorrentes um ambiente de confiança em que o sentimento de vulnerabilidade é reduzido, pois não serão avaliados e julgados, mas apoiados uns pelos outros. Isto permite que estejam dispostos a errar, a experimentar, para eventualmente sentirem que acertaram (Sennett, 2019). Por meio da observação, reflete-se sobre os erros e os acertos, e tanto a técnica quanto a capacidade de olhar se aprimoram, propondo ações (Schön, 2000) para novos desenhos e experimentações.

Vemos como resultado a superação dos medos, a reconstrução da confiança criativa e a autorrealização, potencializando a construção de significado no processo e, com isso, trazendo ganhos de autoestima e possibilitando a autoaprendizagem, que é um processo regulado pelo próprio fazer. Sennett (2019, p. 196) diz que quando estamos “absortos em alguma coisa, e não mais conscientes de nós mesmos (...) Tornamo-nos aquilo em que trabalhamos” e complementa afirmando que “a paciência em forma de concentração persistente é uma capacidade adquirida que pode expandir-se com o tempo” (Sennett, 2019, p.246).

Assim, aprender a desenhar é também um processo de autoconhecimento, de enxergar o mundo de uma nova forma. Segundo Edwards (2013, p. 513) “aprender a usar as habilidades perceptivas para desenhar aumenta sua chance de aplicar com êxito as habilidades visuais ao raciocínio e à resolução de problemas”. Logo, a atividade de desenhar pode acrescentar muito mais do que noções espaciais e técnica de desenho: pode agregar em resolução de problemas reais, além de ampliar a criatividade e a autoconfiança.

Metodologia

Esta é uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, realizada no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e é uma pesquisa-ação, em que o pesquisador é observador participante. Quando este artigo foi escrito, seu quarto ciclo semestral de aplicação acabava de ser concluído.

Segundo Lakatos e Marconi (1991), a pesquisa de campo é definida como a observação de fatos ou fenômenos como ocorrem espontaneamente na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes para analisá-los.

É uma pesquisa qualitativa porque não visa mensurar, enumerar ou quantificar aspectos relacionados ao objeto de estudo, mas compreender o que foi observado durante as Oficinas, a

partir do momento em que os participantes assumem uma configuração de grupo similar à dos Grupos Operativos e assim se dá um processo de autoaprendizagem pela autorrealização, com resgate da confiança criativa.

Segundo Lakatos e Marconi (1991), é uma pesquisa descritiva, cujas informações não são quantificáveis, os dados obtidos são analisados indutivamente e os resultados são interpretados e significados qualitativamente.

Segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação é um processo baseado em ciclos nos quais se aprimora a prática pela alternância entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se mudanças para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da investigação em si. Compreendendo uma série de ciclos de observação e aperfeiçoamento, em que as mudanças propostas são ações baseadas na análise do ciclo anterior, a pesquisa-ação pode ser colaborativa e participativa, envolvendo todos os que dela participam.

Até o final de 2023, a pesquisa teve duração de quatro ciclos semestrais, cada um compreendendo a realização de seis Oficinas de Desenho (22.1, 22.2, 23.1 e 23.2). Em cada ciclo houve a inserção de objetivos específicos, ação (realização das oficinas), observação e aprimoramento.

Como os objetivos da pesquisa relacionam-se às dinâmicas do grupo de participantes, os marcadores de cada etapa foram em relação a eles observados, constituindo os pontos de aprimoramento demandados pelo grupo e os pontos de aprimoramento identificados pela observação. Os quatro ciclos da pesquisa, com seus marcadores e aprimoramentos são descritos no Relato das oficinas e resultados obtidos até aqui.

O registro das Oficinas de Desenho é fotográfico, capturando a cada sessão imagens dos participantes desenhando e de alguns sketches realizados. Enquanto os participantes desenhavam, os pesquisadores desenhavam juntos, fotografavam e conversavam, conhecendo suas histórias e construindo as relações de confiança.

No início do quarto ciclo, considerando que o grupo já estava plenamente consolidado e operante, um questionário⁵ foi aplicado aos integrantes do grupo, objetivando conhecer melhor sua diversidade. Obtivemos 59 respostas, fornecendo dados demográficos que permitiram criar um primeiro retrato de sua composição.

⁵ Questionário anônimo aplicado em julho de 2023 utilizando formulário do *Google Forms*, distribuído aos 142 participantes do grupo *DesenhArte* do *Whatsapp*, que obteve 59 respostas. Como não havia identificação de respondentes nem perguntas abertas, havendo somente a intenção de obter-se um vislumbre da composição do grupo, não houve necessidade de submetê-lo ao comitê de ética em pesquisa.

Desses respondentes, há pessoas que trabalham ou estudam em 18 áreas profissionais, das quais 15 não estão relacionadas a artes, tais como Direito, Contabilidade e Medicina. 64% não trabalham ou estudam temas especificamente ligados a artes visuais.

Quase três quartos dos respondentes foram mulheres, 74%, somente 19% são homens e 7% declararam-se de outros gêneros ou preferiram não responder. Os participantes estão em todas as faixas etárias, 42% têm menos de 25 anos de idade, 22% estão entre 25 e 40 anos de idade, 23% entre 40 e 60 anos de idade e 13% têm mais de 60 anos. Não há crianças porque estabelecemos uma idade mínima de quinze anos para os participantes, pois os muito pequenos precisariam ir acompanhados dos pais, o que poderia causar timidez nos filhos e dispersão para os demais.

Os participantes são de diferentes níveis culturais, 11% possuem somente o ensino médio, 64% possuem nível educacional superior, completo ou em curso e 25% estão cursando ou completaram pós-graduação. Dos respondentes, 20% disseram não ter experiência com desenho e 23% declararam ter muita experiência, a maioria, 57%, disse ter alguma experiência com desenho.

Dentre os respondentes, 37% residem em bairros privilegiados da Zona sul do Rio de Janeiro e os demais 63% residem em bairros mais distantes ou de periferia, ou mesmo em outros municípios próximos. 14 dos 59 participantes que responderam o questionário nunca tinham ido ao Theatro Municipal.

Há representantes das principais etnias brasileiras: apesar da maioria, 75%, se declarar branca, há 15% que se declaram pardos, 8% se declaram pretos e um se declara indígena.

Segundo os dados do censo 2022 divulgados pelo Data.Rio, da prefeitura do Rio de Janeiro⁶, a população da cidade é composta por 45% de indivíduos autodeclarados brancos, 39% pardos, 16% pretos e 0% indígenas ou amarelos.

Apesar do desejo de alcançarmos uma diversidade ainda maior estando abertos à participação de qualquer pessoa, como as inscrições populares são realizadas pelo site do Theatro Municipal e divulgadas pelas redes sociais da instituição, acreditamos que boa parte do público que teve acesso às Oficinas é o público tradicional já frequentador do espaço. Contudo, os 14 participantes (de um total de 59 respondentes) que nunca tinham ido ao Teatro apontam para uma possível divulgação paralela, talvez tendo sido convidados por pessoas que tinham

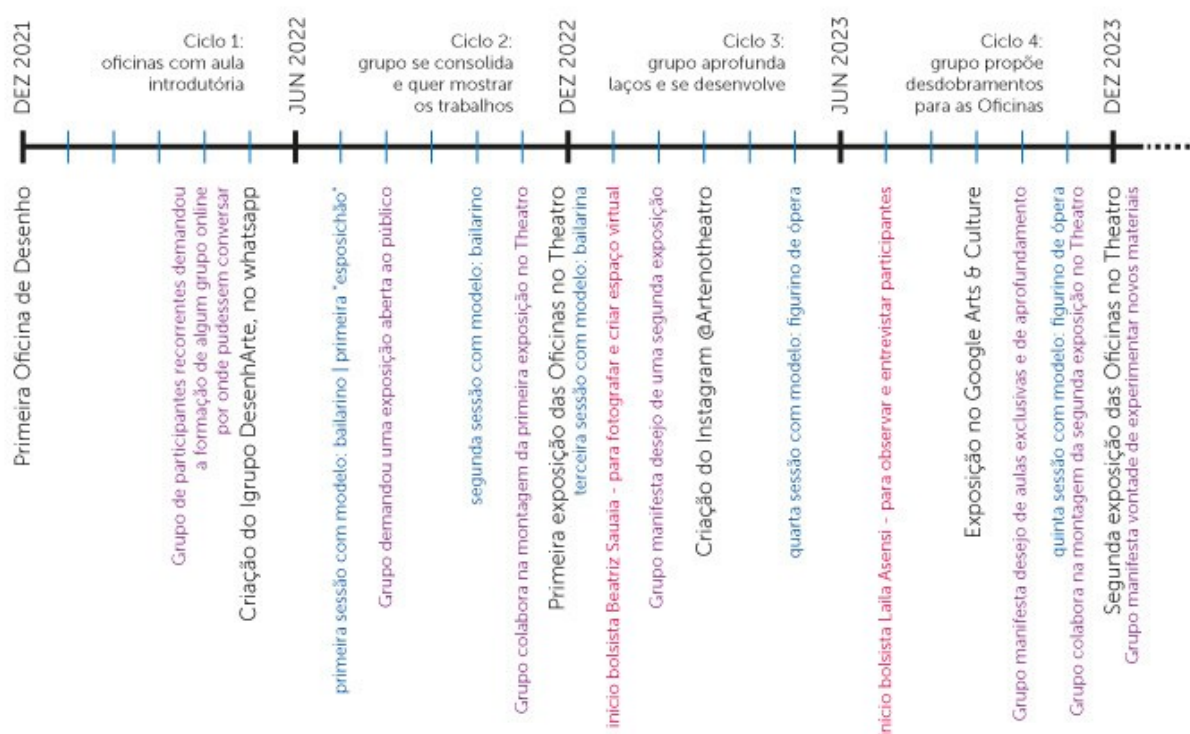
⁶ Fonte: Data.Rio. Disponível em <https://www.data.rio/apps/pop-info-censo-2022/explore> - acesso em 29/02/2024

participado de edições anteriores, e esse percentual de 25% constitui um indício de renovação de público, que é um dos problemas atuais do Theatro.

No quarto ciclo contamos com um bolsista de iniciação científica que atuou como observador participante, e registrou eventos durante as Oficinas, bem como relatos espontâneos dos indivíduos.

Relato das Oficinas e resultados obtidos até aqui

Figura 2: linha do tempo com ciclos de pesquisa-ação e marcos temporais



Fonte: elaborado pelo autor

A Figura 2 ilustra os quatro ciclos de pesquisa até aqui transcorridos, permitindo visualizar como se deu a sequência de resultados até aqui atingidos, que são a seguir relatados:

CICLO 1 – dezembro de 2021 a junho de 2022

No início do projeto fizemos duas oficinas exploratórias, uma direcionada a crianças e outra a adultos, onde buscamos avaliar o interesse do público pelo tema. As inscrições foram abertas pelo Theatro Municipal, como evento gratuito, e as vagas rapidamente se esgotaram.

Quando essas oficinas aconteceram, houve muitas ausências. Quase a metade do público que havia baixado os ingressos tinha faltado. Na oficina infantil tivemos crianças

acompanhadas de pais que interferiam muito no desenho dos filhos e na dos adultos tivemos públicos de idades e perfis bem variados, então decidimos organizar o projeto para adultos exclusivamente.

Em dezembro de 2021 realizamos a primeira oficina do projeto, também de forma gratuita, com uma hora e meia de duração. Houve grande número de ausências também, e decidimos passar a cobrar um valor simbólico (R\$10,00) nas edições seguintes, imaginando que ingressos comprados teriam menos chance de serem desperdiçados.

Na segunda oficina, já com ingresso pago, quase não houve faltas entre os participantes.

Logo na terceira ou quarta edição das Oficinas de Desenho foi possível identificar participantes recorrentes que tinham desenhado em duas ou mais Oficinas, para quem as Oficinas de Desenho logo se tornaram momentos repletos de significado. Em suas redes sociais comentavam sobre as oficinas, sobre a emoção de terem desenhado no Municipal, sobre a oportunidade de participarem das Oficinas. Eles já conversaram e se reconheceram durante os eventos, reunindo-se ao final para compartilhar resultados e descobertas. Uma participante propôs a criação de um grupo no aplicativo de mensagens *Whatsapp*, criando um canal de comunicação por meio do qual pudessem trocar informações sobre as Oficinas e eventos relacionados ao desenho. Os participantes que organizaram este grupo autodenominaram-se DesenhArte. A intenção inicial dos que propuseram o estabelecimento do grupo foi a de poderem se avisar quando abrissem as vendas de ingressos para as próximas oficinas, cuja compra é bastante concorrida.

A cada edição seguinte passei a perguntar quem gostaria de se juntar ao grupo, aqueles que quisessem eram incluídos. Logo começaram a postar no grupo imagens de desenhos e registros das oficinas, e a trocar dicas sobre outros eventos de arte como exposições, oficinas e palestras.

A partir desse ponto, já era possível identificar traços de funcionamento similares aos dos Grupos Operativos: os participantes recorrentes propunham coisas, durante as Oficinas se reuniam em subgrupos para conversar sobre materiais, ou sobre como representar melhor a perspectiva, por exemplo, e se ajudavam com essas demandas.

Nas oficinas desse primeiro ciclo a primeira meia hora foi dedicada a uma aula expositiva, com imagens projetadas, em que os participantes recebiam noções básicas sobre desenho de observação e a seguir, na próxima hora, desenhávamos ambientes internos do Theatro. Ao término do ciclo, aproximadamente metade do público presente era composta por participantes recorrentes e notei que a apresentação, ou “aula” inicial era repetitiva para eles,

então na última oficina do ciclo eliminamos esta parte, ampliando o tempo de desenho para uma hora e meia.

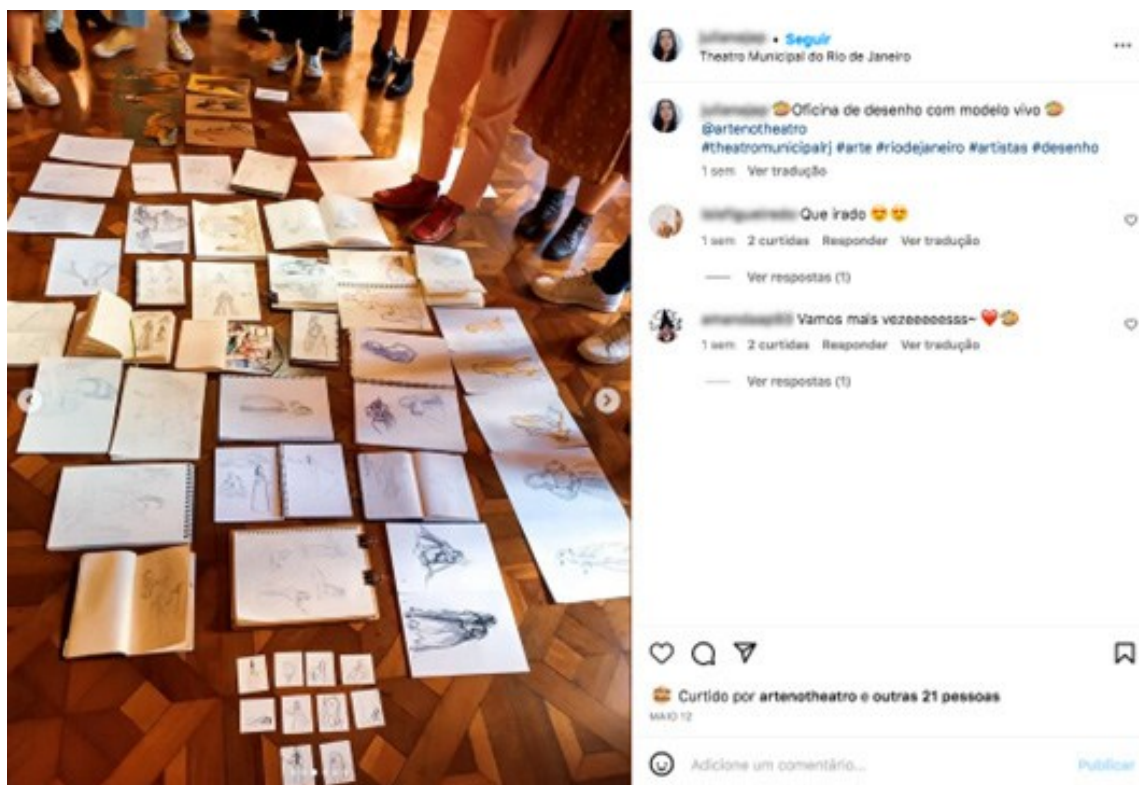
CICLO 2 – junho de 2022 a dezembro de 2022

No início do segundo ciclo, na segunda oficina, tivemos pela primeira vez um modelo posando. Os participantes recorrentes perguntaram se poderíamos ter bailarinos posando, para termos oficinas diferentes. Conseguimos que um dos principais artistas do Theatro posasse como modelo vivo: a sessão foi excelente e lotada, tornando-se assunto por muito tempo no grupo de mensagens, e senti que isso fez com que o grupo se unisse mais.

Tivemos desta vez uma “aula” inicial com dicas sobre desenho de modelo, de como capturar linhas de ação e fazer sketches rápidos a partir das poses.

Nessa edição todos ficaram muito empolgados e um dos participantes sugeriu que ao final da aula colocássemos os desenhos no chão para que pudéssemos ver o que todos tinham feito. Muitos se mostraram tímidos, mas todos os participantes recorrentes adoraram a ideia e mostraram seus desenhos, sendo seguidos por alguns dos participantes novos. A partir dessa edição, adotamos a prática, que alguém batizou de “exposichão” (vide Figura 3).

Figura 3: postagem no *instagram* de um dos participantes, exibindo a “exposichão”.



Fonte: Foto do autor.

Acervo grupo DesenhArte.

Na segunda “exposichão” o grupo já foi bem menos tímido e muitos expuseram seus desenhos, tendo como prática natural do grupo. Perguntaram se não poderíamos pensar em uma exposição real, que permitisse aos visitantes do Theatro verem os desenhos feitos ali.

Os participantes enviaram muitas fotos dos desenhos feitos na edição com bailarino posando e pediram que este outro modelo de oficina se repetisse. Conseguimos ter uma outra oficina com bailarino posando, com igual entusiasmo de todos. Quando anunciamos no grupo que haveria modelo, muitos correram para comprar o ingresso e esta edição da oficina foi quase toda composta por participantes recorrentes.

Em outubro conseguimos autorização e financiamento do Theatro para montagem de uma exposição dos trabalhos. A seleção se deu por chamada de trabalhos no grupo de *whatsapp* e recebemos 29 desenhos, tendo sido todos eles expostos. Os desenhos recebidos puderam ser agrupados em três conjuntos: como sketches feitos durante as oficinas, como desenhos refeitos em casa a partir dos sketches e como reinterpretações do real, em que os sketches foram inspirações para cenas e desenhos conceituais.

Em novembro produzimos painéis e montamos a exposição, com colaboração dos participantes, e ela ficou montada nos halls de entrada para a sala de espetáculos de dezembro de 2022 a maio de 2023. Na abertura da exposição tivemos um grande encerramento do ano e do segundo ciclo de pesquisa: o Theatro ofereceu ingressos para a apresentação de ballet que estava em cartaz aos artistas expositores e seus convidados.

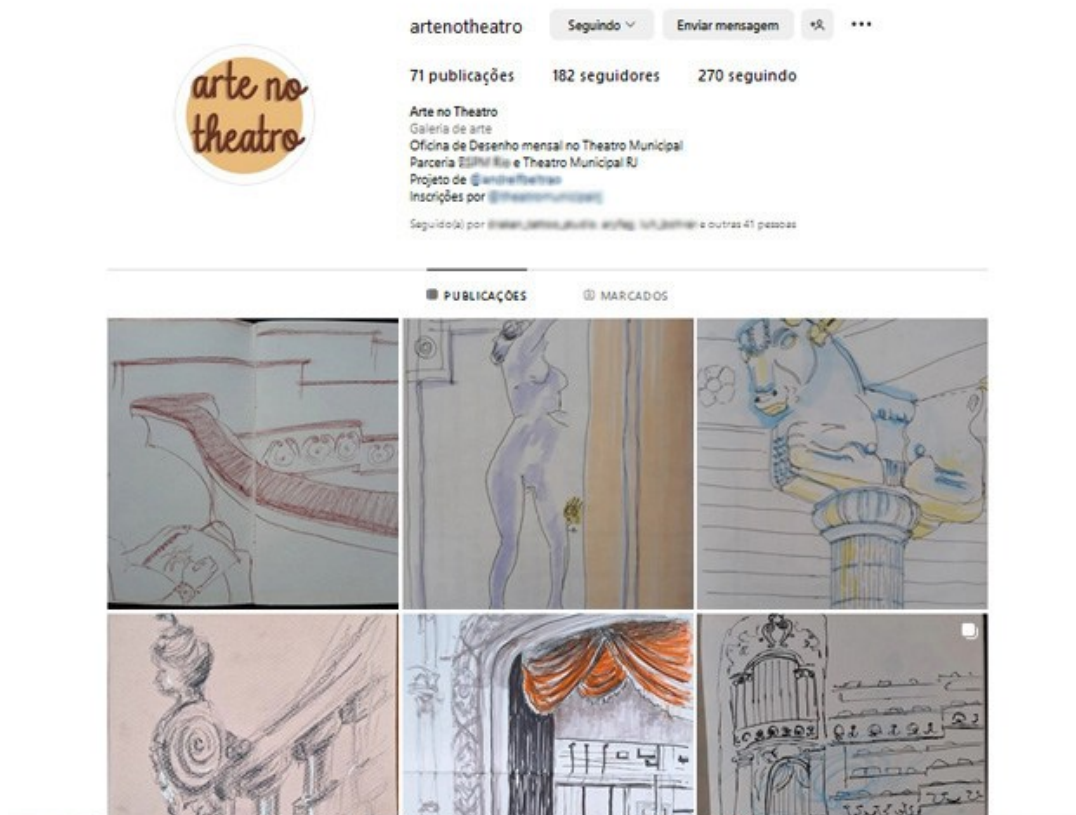
CICLO 3 – dezembro de 2022 a junho de 2023

Ao longo de 2022 muitos postaram desenhos e fotos da Oficina em suas redes sociais, agradecendo e elogiando os eventos mensais, mas na época da exposição isto se deu com muita intensidade. Pelos textos das postagens, muitos demonstravam o orgulho de estarem expostos no Theatro, lugar que poucos meses antes talvez alguns acreditassem ser inacessível.

No início do terceiro ciclo, passamos a contar com uma bolsista de iniciação científica, Beatriz Sauaia, para dar suporte à documentação e registro das Oficinas. Percebendo a importância desse espaço expositivo permanente nas redes sociais, e ainda aproveitando a recente curadoria feita para a exposição física, criamos uma página no *Instagram* para o grupo (Figura 4). Pedimos sugestões de nome para a página e a mais votada dentre algumas que recebemos foi “arte no Theatro”. Achamos interessante que o nome fosse diferente do nome do grupo, mas um dos participantes defendeu a decisão dizendo que assim quem fosse na oficina poderia expor seus desenhos, mesmo que não quisesse fazer parte do grupo. Beatriz criou a página e um logotipo para ela.

Inauguramos a página com os desenhos que participaram da exposição física do Theatro e logo passamos a receber desenhos dos participantes para serem publicados lá.

Figura 4: *Instagram Arte no Theatro.*



Fonte: Página do instagram do projeto do autor. Acervo do grupo Desenharte

Ao longo das Oficinas do terceiro ciclo continuamos alternando o modelo tradicional, de desenho de observação arquitetônico com as oficinas de desenho de modelo vivo, em que tivemos duas bailarinas posando, a segunda vestindo figurino de ópera.

Identificamos dentre os participantes recorrentes que se uniram ao grupo nesse terceiro ciclo alguns membros do movimento *Urban Sketchers*. Tal movimento é internacional, reúne desenhistas que saem pelas cidades retratando paisagens e ambientes construídos, de modo bastante similar ao que acontece nas Oficinas de Desenho em que desenhemos aspectos arquitetônicos do Theatro. No Brasil há muitos membros e no Rio de Janeiro há um forte núcleo de artistas que mensalmente desenharam juntos.

Desde então, a cada edição, tem participado três ou quatro *Urban Sketchers*, e seu avançado grau de desenho em muito contrasta com o dos participantes iniciantes. Não há, porém, um espírito comparativo, que traga julgamentos negativos aos participantes.

Mantivemos as “exposições” ao final de cada edição e a bolsista do projeto registrou em fotos e conversas informais quatro Oficinas do terceiro ciclo. Percebemos que os laços de confiança entre os participantes recorrentes se estreitavam e isto trazia uma atmosfera muito positiva a todos, transbordando para os participantes que ali estavam pela primeira vez, que se sentiam acolhidos. Notei ao longo das sessões conversas e troca de dicas, coisas como “nossa, como você fez essa sombra?” ou “que interessante esse ângulo, não tinha pensado em olhar as coisas desse jeito”.

Alguns participantes relatavam que estavam praticando em casa, que tinham enviado trabalhos para exposições, que tinham vendido desenhos. No grupo de *whatsapp* às vezes enviavam convites para exposições em que estavam participando e para outros eventos de desenho.

Durante as sessões, tive a oportunidade de conversar com muitos deles e as histórias que ouvi foram incríveis. Como a de F., que havia se inscrito na Oficina porque seu avô tinha sido músico do Theatro no final da década de 1940 e sentiu, ao participar, como se o estivesse visitando. Esse homem também se definiu como um aquarelista abstrato e disse que não tinha costume de desenhar, mas queria aprender. Ele voltou a algumas das Oficinas seguintes, dizendo que estava entusiasmado com a experiência.

Tão logo a exposição física foi desmontada, o grupo começou a perguntar se no final do ano haveria outra, pois já queriam ir separando desenhos.

CICLO 4 – junho de 2023 a dezembro de 2023

A diversidade é perceptível no grupo: há pessoas de todas as idades, classes sociais, gêneros, raças. Para termos um retrato desta diversidade, no início do quarto ciclo fizemos um questionário para levantamento de dados demográficos, já mencionado no item 3-metodologia.

Laila Asensi, bolsista de iniciação científica passou a fazer parte do projeto, com objetivo de identificar se de fato está ocorrendo uma recuperação de confiança criativa entre os participantes e se sentem reflexos positivos disso em outras áreas de suas vidas. A bolsista passou observar as sessões e os participantes, para no quinto ciclo entrevistá-los.

Os participantes continuavam enviando desenhos para a página do *Instagram* Arte no Theatro. Esta reação foi um indício de que se sentiam confiantes em mostrar o que tinham feito, sem vergonha nem medo de serem julgados por colegas e estranhos (já que o *Instagram* é uma rede social aberta), demonstrando os ganhos alcançados em termos da dimensão humana, uma das categorias de aprendizagem significativa de Fink (2007) e, com isso, quão significativos estavam sendo seus processos de aprendizagem.

Aconteceu algo inesperado então: uma nova participante recorrente, muito proficiente em desenho, em sua terceira Oficina passou a enviar trabalhos em grande quantidade para o grupo de *whatsapp* e para o *instagram*. Havendo um volume tão grande de trabalhos tão bons, notei que muitos outros participantes recorrentes pararam de enviar seus desenhos, que eram sketches mais simples. Imaginamos que nesse momento a participação intensa e qualitativa dessa pessoa reduziu a confiança que o grupo havia conquistado e não sabíamos como reverter isto, o que acabou acontecendo por acaso.

Surgiu uma chamada para proposição de exposições virtuais na página da ESPM do *Google Arts & Culture* e propusemos ao grupo que transformassem a primeira exposição física em uma exposição virtual permanente. Adoraram a ideia e enviaram fotos dos trabalhos em resolução mais alta, definiram títulos, se mobilizaram para que a exposição acontecesse e ela entrou no ar no final do ciclo, dividida em duas partes: sketches e desenhos feitos a partir dos sketches. A exposição do *Google Arts* foi um marco de recuperação para o grupo, e os participantes voltaram a postar seus desenhos, pois aquela participante que talvez os tenham intimidado não tinha feito parte da exposição física e durante esse processo de montagem acabou se afastando naturalmente.

Empolgados com a exposição virtual, os participantes voltaram a enviar seus desenhos e organizamos a segunda exposição física dos trabalhos, com o mesmo volume de desenhos (30) mas o dobro de participantes do ano anterior.

A segunda exposição foi montada e sua abertura marcou o encerramento do ano e do quarto ciclo da pesquisa.

Nas conversas do grupo, pelo *whatsapp*, manifestaram um forte desejo de experimentar novos materiais. Nas últimas edições do ciclo alguns participantes levaram giz pastel, um novo pastel gelatinoso, marcadores e outros materiais diferentes, que permitiram experimentarem mais profundamente o uso da cor e a materialidade das tintas.

No grupo alguns sugeriram que fizéssemos mais de um encontro por mês, talvez criando um encontro extra aberto somente aos participantes do grupo, com alguma temática específica, como estudo de anatomia ou de perspectiva.

Essas demandas, de experimentação de materiais e de encontros extras temáticos, reservados ao grupo de participantes recorrentes, serão implementadas no quinto ciclo. Como nos Grupos Operativos todos podem se alternar nos papéis de professor e aprendiz, os encontros temáticos serão conduzidos por participantes do grupo.

Considerações finais: olhando adiante

As Oficinas de Desenho podem parecer ser uma atividade artística sem utilidade imediatamente perceptível para o dia a dia de seus participantes, por não serem um espaço de educação formal (Silva, 2022), porém segundo Schön (2000, p. 20), “a pesquisa acadêmica não precisa render somente conhecimentos profissionais úteis, aplicáveis a demandas práticas imediatas, pois constroem conhecimento”. Nas Oficinas de Desenho os participantes desenvolvem habilidades de desenho, o que pode ou não lhes ser útil profissionalmente, mas desenvolvem em paralelo competências e habilidades que importam para todas as atividades de suas vidas, como a criatividade. Segundo Fontoura (2024) e Edwards (2013), a aprendizagem de arte desenvolve maior capacidade de adaptação e pensamento crítico para solução de problemas, habilidades essenciais para uma sociedade em constante transformação.

Segundo Leonardo Silva (2022), as Oficinas de Desenho são um espaço de educação não-formal, isto é, não atrelado a conteúdos específicos, avaliações, progressão e avaliações. Nesse sentido, as experiências de aprendizagem são centradas no processo, com maior grau de liberdade para acolher as individualidades dos participantes.

O desenvolvimento dos quatro primeiros ciclos de pesquisa-ação aponta para a confirmação da hipótese de que quaisquer indivíduos, reunidos por interesses comuns de aprendizagem podem constituir um grupo de características análogas às dos Grupos Operativos e dessa forma aprender colaborativamente, com isso recuperando sua confiança criativa, que beneficia outras áreas de suas vidas.

De fato, o grupo das Oficinas de Desenho do Theatro se constituiu com indivíduos que não se conheciam, vindos de todos os extratos sociais, que em comum tinham a motivação intrínseca de desenhar, e se manteve ativo e se renovou ao longo do tempo, com a entrada e saída de participantes, funcionando de forma análoga à dos Grupos Operativos, como relatado.

Segundo Land e Jarman (1990), as crianças pouco conhecem do mundo, e por desconhecerem se permitem experimentar mais. À medida que crescem, enquanto adquirem conhecimentos, adquirem julgamentos de valor que restringem seu potencial de pensamento, atuando como bloqueadores da criatividade. Os autores afirmam, a seguir, que o poder criativo de todos está sob camadas e camadas de bloqueios e pode ser redescoberto. De forma análoga, Edwards (2013) diz que todos têm a capacidade de aprender a desenhar, e que essa habilidade pode ser desenvolvida com a prática.

As Oficinas de Desenho funcionam como um ateliê livre de desenvolvimento artístico em que cada um pode experimentar o que quiser, permitindo que os participantes frequentes

definam seus percursos de crescimento e aprendizagem, sem julgamentos. É a redescoberta da criatividade de que falam Land e Jarman (1990) e a oportunidade de aprender fazendo (Edwards, 2013; Sennett, 2019).

Não raro, vi em algumas edições pessoas retomando desenhos que tinham deixado inacabados em uma Oficina anterior, e muitas vezes mostraram desenhos que tinham feito em casa a partir de sketches criados na oficina. As Oficinas possibilitaram àqueles que nunca tinham desenhado uma nova aventura e o descobrimento em si de capacidades inexploradas, um corajoso início de jornada de aprendizagem, e àqueles que já desenhavam, uma experiência de compartilhamento e aperfeiçoamento.

Segundo Schön (2000), quando fazemos algo fora do comum, deixamos de realizar as coisas de forma automática e vivemos uma experiência que dá margem a erros. Nas Oficinas de Desenho, como realizamos esboços rápidos, vivenciamos essencialmente esse desconforto, que é de certo modo uma frustração de expectativas em que o realizado se distancia do esperado. Quaisquer resultados, desse modo, nos levam a refletir sobre o desenho que fizemos e sobre o processo. As Oficinas de Desenho permitiram uma reflexão durante o processo, pela repetição das locações desenhadas, compartilhamento e debate, que Schön (2000, p. 32) denomina “reflexão na ação”. A reflexão na ação permite intervir, modificando os processos enquanto acontecem, em que a reflexão sobre cada tentativa e seus resultados modifica as tentativas seguintes.

A reflexão gera o experimento imediato. Pensamos um pouco e experimentamos novas ações com o objetivo de explorar os fenômenos recém observados, testar nossas compreensões experimentais acerca deles, ou afirmar as ações que tenhamos inventado para mudar as coisas para melhor Schön (2000, p. 34).

Nas Oficinas de Desenho é perceptível o funcionamento similar ao dos Grupos Operativos, pois a participação recorrente de alguns tem gerado sugestões para edições seguintes, demandas têm surgido do grupo (exposição, mais sessões com modelos, repositório virtual) e criou-se um clima de familiaridade entre os grupos participantes, onde permitem-se compartilhar opiniões e resultados. Segundo Silva (2021), grupos operativos, assemelham-se ao funcionamento de um grupo familiar e Gonçalves e Goi (2025) afirmam que o aprendizado se torna mais significativo pela interação social.

No início de 2023, criamos uma página no *Instagram* para o grupo, permitindo que eles expusessem seus desenhos com a chancela do projeto. Novas iniciativas relacionadas ao registro e à exibição dos desenhos foram sendo produzidas ao longo de 2023, culminando na

montagem de uma segunda edição da exposição de final de ano e no lançamento de uma versão virtual da primeira exposição na plataforma *Google Arts And Culture*⁷.

Sennett (2019) ressalta que a aprendizagem do desenho traz, em si, o desejo de realizar um bom trabalho pelo prazer da coisa bem-feita. A participação recorrente nas oficinas leva os participantes a desenharem os mesmos ambientes e temáticas em diferentes tempos, e essa repetição, por si só, já traz o prazer do fazer melhor. Dinâmicas como exposições e avaliações coletivas são parte comum de ateliês de arte, e trazem ganhos de autoestima e autorrealização aos participantes. Nas Oficinas de Desenho, o que potencializa esses ganhos é o fato de as iniciativas serem desenvolvidas a partir de propostas do próprio grupo, e nos remetem diretamente às categorias de aprendizagem significativa (Fink 2007), “dimensão humana” e “aprender a aprender”, portanto nós as entendemos como eventos significativos e motivadores de autoaprendizagem.

A reflexão na ação (Schön, 2000) resulta em desenvolvimento, gerando aprendizagem a partir desses processos pessoais. As trocas e compartilhamento advindas dos processos colaborativos e do desejo do grupo de expor seus trabalhos geram confiança criativa e inibem os julgamentos sociais que Land e Jarman (1990) associam aos bloqueios de processos criativos, impulsionando a autoaprendizagem. Fontoura (2024) aponta que crianças expostas à arte desde cedo tendem a desenvolver uma maior capacidade de a prática da arte favorece a exploração da identidade dos indivíduos, contribuindo para o desenvolvimento de uma autoimagem positiva e de relevantes habilidades socioemocionais.

A fim de investigar mais a fundo essas percepções, elaborou-se o desenho metodológico de um quinto ciclo de pesquisa-ação como transição para uma nova pesquisa. Nele serão investigadas hipóteses para desdobramentos dos achados aqui relatados e, portanto, não consta no recorte temporal deste artigo. No quinto ciclo serão realizadas entrevistas não estruturadas com os participantes recorrentes, escolhidos entre os diferentes grupos etários, culturais e étnicos para registrarmos sua percepção quanto aos objetivos do estudo, que serão analisadas a partir da metodologia de Análises temáticas.

Procuraremos, pelas entrevistas e sua análise temática, identificar como os participantes conheceram as Oficinas de Desenho, se a participação nas oficinas os fez refletir sobre sua arte

⁷ A exposição do Google Arts And Culture foi dividida em duas partes. A primeira parte, com esboços feitos durante as oficinas, pode ser acessada pelo link: <https://artsandculture.google.com/story/PgWxVEaMKMJ8yg> e segunda parte, com trabalhos reelaborados a partir dos esboços pode ser acessada pelo link: <https://artsandculture.google.com/story/PQVxcGTF0JPgqQ>

e seus processos criativos, se melhoraram suas habilidades e conhecimentos, se a participação mudou hábitos ou atitudes e se têm sugestões para os próximos ciclos de oficinas.

As percepções dos quatro ciclos de pesquisa de que trata este artigo, portanto, apoiadas por conversas informais e pela literatura, serão no quinto ciclo da pesquisa investigadas para a verificação da parte final da hipótese, de que a recuperação da confiança criativa é perceptível e beneficia outras áreas de suas vidas.

A arte pode ser considerada uma importante estratégia de cuidado para a saúde mental, pois possibilita a expressão de emoções, sentimentos e pensamentos de maneira criativa. Neste sentido, a criação artística pode contribuir na constituição de subjetividades mais autônomas e empoderadas (Andrade e Silva, 2023, p. 110).

A partir dessa verificação, esperamos contribuir para a multiplicação de iniciativas similares, ocupando outros equipamentos culturais das cidades e propiciando o resgate da criatividade das pessoas comuns, com sentimento de autorrealização e ganho de autoestima, contribuições que poderão trazer reflexos sociais e resultar em felicidade e desenvolvimento para os participantes.

Referências

ANDRADE, Elisabete Agrela de; SILVA, Mônica de Fátima Freires da. Arte como estratégia de cuidado para a saúde mental. Cordis: **Revista Eletrônica de História Social da Cidade**, [S. l.], n. 30, p. 108–125, 2023. DOI: 10.23925/2176-4174/v2.2023e64443. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/64443>. Acesso em: 24 nov. 2025.

AUSUBEL, David. **The psychology of meaningful verbal learning**. New York: Grune & Stratton, 1963.

BARBOSA, Marcos Antônio de Souza; SILVA, Manuela Ramos da; NUNES, Martha Suzana Cabral. Pesquisa qualitativa no campo Estudos Organizacionais: explorando a Análise Temática. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 41., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos**. São Paulo: AnPAD, 2017.

BELTRÃO, André Luis Ferreira. **Práticas pedagógicas no ensino de Design: experimentando abordagens significativas**. 2021. 151f. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021.

BLEGER, José. **Temas de Psicologia**. Entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHAGAS, Rosana. Trilhas de Aprendizagem, Metodologias Ativas e Ágeis para o Autodesenvolvimento. **Olhares & Trilhas**. 23. 1215-1234, 2021. DOI: 10.14393/OT2021v23.n.3.59933.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

EDWARDS, Betty. **Drawing on the right side of the brain**. 4.ed. Nova Iorque: Souvenir Press, 2013.

FINK, L. Dee. The Power of Course Design to Increase Student Engagement and Learning. **AAC&U**, Winter 2007 peerReview, p13-17. Washington, DC, 2007.

FONTOURA, Karen Siebert. A Arte Como Pilar no Desenvolvimento Infantil: Expressão, Criatividade e Aprendizado. **Multidisciplinary Journal Lattice**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2024. DOI: 10.70579/pl.v1i1.10. Disponível em: <https://ojs.periodicoslattice.com/latticemultidisciplinar/article/view/10>. Acesso em: 24 nov. 2025.

GONÇALVES, Raquel Pereira Neves; GOI, Mara Elisângela Jappe. A formação de professores e experimentação investigativa em ciências: uma revisão de literatura. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 27, e8106, 2025. DOI: <http://doi.org/10.22196/rp.v27i1.8106>

KELLEY, Tom. **Confiança Criativa**: libere sua criatividade e implemente suas ideias. Rio de Janeiro: Alta Books, 2019.

LAND, George, JARMAN, Beth. **Ponto de Ruptura e Transformação**. São Paulo: Cultrix, 1990.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 1991

MENEZES, Iany Bessa Silva; COLARES, Edite; O ensino de arte na educação infantil In PAIXÃO, Shigeaki Ueki Alves da; SANTOS, Pétira Maria Ferreira dos; CARNEIRO, Erismilta Sucupira Ferro (org.). **As vivências pedagógicas em suas práticas**: um novo olhar no processo ensino aprendizagem. Manaus: EDUA, 2023 p. 159-174.

PALLASMAA, Juhani. **As mãos inteligentes**: a sabedoria existencial e corporalizada na arquitetura. Porto Alegre: Bookman, 2013.

PICHÓN-RIVÈRE, Henrique. **O Processo Grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RIBEIRO, Mateus Augusto Lima. **Transformando o ensino da arte no ensino fundamental**: promovendo criatividade e expressão. Epitaya E-books, [S. l.], v. 1, n. 61, p. 55-64, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep.2024288p55. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/1036>. Acesso em: 24 nov. 2025.

SCHLOCHAUER, Conrado. **Lifelong learners**: o poder do aprendizado contínuo.1. ed. São Paulo: Editora Gente, 2021.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Leonardo Oliveira da. **O desenho na oficina: uma reflexão sobre o processo pedagógico na formação de desenhistas**. 2022. 126f. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UERJ, Escola Superior em Desenho Industrial, 2022.

SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, 11, e10180179, 2019.

SILVA, Rita Ferreira da. Educação especial: experiência do projeto de inclusão “trocando cartas”. **Cadernos da Pedagogia**, v. 15, n. 31, p. 199-206, Jan-Abr/2021.

SCHÖN, Donald Alan. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.3, p.443-466, set/dez.2005.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

André Beltrão.

Doutor e mestre em Design pela PUC-Rio. Docente no programa de mestrado acadêmico da ESPM-Rio / PPGECEI e na graduação em Design da ESPM-Rio e da PUC-Rio. Pesquisador do laboratório LEMBRAR/ESPM-Rio

Contribuição de autoria: Administração do Projeto, Análise Formal, Conceituação, Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia, Supervisão, Validação.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9226820141066319>

Como referenciar

BELTRÃO, André Luis Ferreira. Oficinas no teatro municipal: uma pesquisa de autoaprendizagem de desenho. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 22, n. 53, e16909, 2026. DOI: 10.22481/praxisedu.v22i53.16909